

Economia - Brasil

Dívidas no caminho do PIB

Endividamento alto das famílias ameaça retomada do crescimento no ano que vem

André Teixeira

Flávia Oliveira

O excesso de endividamento das famílias brasileiras — somado à rigidez da política de juros altos, que deve persistir no início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva — é uma ameaça à retomada do crescimento econômico em 2003. As estatísticas do Banco Central (BC) comprovam que o volume de empréstimos a pessoas físicas, que já aumentara em 2001, continuou avançando este ano. De janeiro a outubro (último dado disponível), a expansão média foi de 10%. Mas as operações com cartões de crédito chegaram a crescer 35% e com cheque especial, 14%. No Rio, pesquisa do Instituto Fecomércio (Ifec) mostra que, neste último trimestre, quase quatro em cada dez cariocas estão endividados.

— Diante dessa situação, o crescimento no próximo ano fica prejudicado, a menos que haja uma queda acentuada dos juros, o que não é esperado no primeiro semestre — diz o economista Luiz Roberto de Cunha, diretor-executivo do Ifec e professor da PUC-Rio.

No Rio, 28% têm tarifas em atraso

• Na semana passada, o IBGE disparou o alarme sobre a situação financeira das famílias. Entre 1999 e 2001, passaram de uma capacidade de financiamento de R\$ 20,9 bilhões para um déficit de recursos de R\$ 15,8 bilhões. Sinal claro de que estão consumindo muito acima do que ganham — e não exatamente por uma boa causa.

— Os consumidores estão gastando mais para cobrir as mesmas despesas. Como os salários foram achatados e a inflação está subindo, as pessoas estão tomando empréstimos para pagar despesas domésticas ou, simplesmente, deixando de pagar as concessionárias públicas. Vai ser difícil recuperar a capacidade de consumo com tanta falta de emprego e renda e juros tão altos — diz Nelson Campos, diretor da CredShop, empresa especializada na renegociação de dívidas.

Nas estatísticas do Ifec, além dos muitos endividados, salta aos olhos a inadimplência expressiva nas contas fixas (tarifas de luz, gás e telefone). A proporção de cariocas com financiamentos contratados alcançou, em outubro, o pico da série histórica da pesquisa, iniciada em julho de 2000. Nada menos que 40,17% dos entre-



O CONSULTOR TRIBUTÁRIO Ubiratan Rosa está endividado no cartão de crédito e no cheque especial: "Quero pagar tudo o que devo. Trabalho 12 horas por dia para isso"

Editoria de Arte

Os desembolsos de bancos e financeiras



vistados tinham dívida no crediário. Em novembro, a proporção caiu para 36,56%, próximo ao nível médio dos últimos 15 meses.

Ainda segundo o Ifec, em outubro, 23,46% dos entrevistados declararam estar com tarifas públicas em atraso; em novembro, a proporção passou a 28,36%. Pelos dados do BC, a inadimplência das pessoas físicas

junto ao setor financeiro caiu para 14,8% em outubro, depois de ter se mantido acima de 15% de dezembro de 2001 a setembro deste ano. A taxa é quase quatro vezes maior que a das pessoas jurídicas.

A cada mês, cerca de três a quatro mil clientes fazem acordo com credores via CredShop. O consultor tributário Ubiratan Rosa foi um deles.

Recentemente, acertou com a Telefônica Celular o pagamento em cinco parcelas de uma dívida de R\$ 780. Ele sustenta a mulher, desempregada há um ano e meio, e dois filhos, de 12 e 15 anos. O salário de cerca de R\$ 1.800 por mês não cobre todas as despesas. Por isso, Rosa acumula saldo negativo no cheque especial e dívidas no cartão de crédito:

— Só me endivido por necessidade de sobrevivência. O celular, por exemplo, é uma ferramenta de trabalho. Por isso minha conta é tão alta. Quero pagar tudo o que devo. Trabalho 12 horas por dia para isso.

O economista Eduardo Berger, do Lloyd's Bank, contudo, já identifica uma tendência de queda na concessão de crédito pelos bancos. Seria o primeiro indício de que os consumidores estão aproveitando os últimos meses de 2002 para quitar débitos e ampliar sua capacidade de endividamento em 2003. Berger corrige pelo IGP-DI os dados do BC sobre empréstimos. Descontada a inflação, os desembolsos cresceram até agosto. Em setembro, caíram 0,4% em relação ao mesmo mês de 2001; em outubro, 4,3%.

— Os consumidores estão quitando dívidas com o acordo do FGTS. Com isso, 2002 pode terminar com um nível de endividamento menor que o de 2001 — diz Berger. ■

• NOS EUA, CONSUMIDORES COMEÇAM A CORTAR DESPESAS PARA PAGAR DÍVIDAS, na página 22